

O PAPEL DO ENFERMEIRO NA ASSISTÊNCIA À SAÚDE DO PACIENTE PORTADO DE HANSENÍASE

Eliete matos dias¹;

Discente do curso de Enfermagem - Faculdade Anhanguera, Marabá, Pará.

Yzaura Lohanny Lima da Silva²;

Discente do Curso de Enfermagem - Universidade do Estado do Pará.

<http://lattes.cnpq.br/1101583891743324>

Mirian Gonçalves Nunes³;

Discente do Curso de Enfermagem - Universidade do Estado do Pará.

<https://lattes.cnpq.br/8169998281738430>

José Raphael Gomes da Silva⁴;

Discente do curso de Enfermagem - Faculdade Anhanguera, Marabá, Pará.

<https://orcid.org/0009-0000-6747-9165>

Erika Castro Morais⁵;

Discente do Curso de Enfermagem - Faculdade Anhanguera, Marabá, Pará.

<https://orcid.org/0009-0002-2298-9887>

Ottomá Gonçalves da Silva⁶;

Docente do Curso de Enfermagem - Faculdade Anhanguera, Marabá, Pará.

<https://orcid.org/0000-0001-7397-9836>

Mayara de Nazaré Moreira Rodrigues⁷.

Docente do Curso de Enfermagem - Faculdade Anhanguera, Marabá, Pará.

<http://lattes.cnpq.br/4842026854146974>

RESUMO: Introdução: A hanseníase é uma doença infectocontagiosa, de baixa patogenicidade, crônica, granulomatosa, causada pelo *Micobacterium Leprae* (bacilo de Hansen). Alguns autores discorrerem apesar de sua infectividade, a hanseníase é passível de cura, dependendo do grau de endemicidade do meio. De tal modo, o enfermeiro na Atenção Primária à Saúde (APS) assiste ao paciente hanseniano, através de uma assistência individualizada, sistematizada e humanizada, possibilitando melhor interação com o cliente, maior adesão ao tratamento, promoção do autocuidado e a redução das incapacidades físicas. Justificativa: Dada a necessidade de identificar na literatura científica as estratégias que

podem melhorar o atendimento e a precocidade do diagnóstico da hanseníase, colaborando com o rompimento do ciclo de transmissão da doença, o presente estudo buscou conhecer o papel do enfermeiro na promoção de saúde e prevenção da Hanseníase. Objetivo: O estudo teve como objetivo compreender a assistência de enfermagem utilizada no atendimento de portadores de hanseníase, no âmbito da APS. Problema: Nestes aspectos, tendo em vista as práticas de enfermagem e os aspectos que envolvem o cuidado de paciente vivendo com hanseníase, frente a uma inquietação foi elencada a seguinte questão norteadora: Quais estratégias podem ser desenvolvidas pelo enfermeiro na assistência à saúde do paciente hanseniano, junto à APS? Metodologia: O aporte metodológico do estudo teve cunho científico, exploratória, qualitativa e de análise descritiva, no qual se optando-se pela pesquisa bibliográfica. Resultados: Foram selecionados 14 artigos durante a pesquisa. Os resultados apontaram para a importância da assistência de enfermagem ao paciente com hanseníase, na APS. Conclusão: Apesar das políticas públicas existentes, e os vários programas de atendimento/assistência a esse público-alvo, o enfermeiro da APS ainda tem muitos desafios a serem superados. O estudo mostrou que este profissional atua de forma ética e responsável em prol da saúde dos pacientes, revelando a sua importância e contribuição na melhoria de qualidade de vida dos hansenianos.

PALAVRAS-CHAVE: Assistência de Enfermagem. Hanseníase. Atenção Primária à Saúde.

THE ROLE OF THE NURSES IN HEALTH CARE FOR PATIENTS WITH LEPROSY

ABSTRACT: Introduction: Leprosy is an infectious, low pathogenic, chronic, granulomatous disease caused by Mycobacterium Leprae (Hansen's bacillus). Some authors argue that, despite its infectivity, leprosy is curable, depending on the degree of endemicity of the environment. Therefore, the nurse in Primary Health Care (PHC) assists leprosy patients through individualized, systematic and humanized care, enabling better interaction with the client, greater adherence to treatment, promotion of self-care and reduction of physical disabilities. Justification: Given the need to identify in the scientific literature the strategies that can improve care and early diagnosis of leprosy, collaborating with the breaking of the cycle of transmission of the disease, the present study sought to understand the role of the nurse in health promotion and prevention of leprosy. Objective: The study aimed to understand the nursing care used in the care of leprosy patients, within the scope of PHC. Problem: In these aspects, considering the nursing practices and the aspects that involve the care of patients living with leprosy, in the face of a concern, the following guiding question was listed: What strategies can be developed by the nurse in the health care of leprosy patients, together with PHC? Methodology: The methodological contribution of the study had a scientific, exploratory, qualitative and descriptive analysis nature, in which bibliographic research was chosen. Results: 14 articles were selected during the research. The results indicated the importance of nursing care for leprosy patients in primary health

care. Conclusion: Despite existing public policies and various programs to care for this target audience, primary health care nurses still face many challenges to overcome. The study showed that these professionals act ethically and responsibly in favor of the health of patients, revealing their importance and contribution to improving the quality of life of leprosy patients.

KEY-WORDS: Nursing Care. Leprosy. Primary Health Care.

INTRODUÇÃO

A hanseníase é uma doença infectocontagiosa, de baixa patogenicidade, crônica, granulomatosa, causada pelo *Micobacterium Leprae* (bacilo de Hansen). Alguns autores discorrerem apesar de sua infectividade, a hanseníase é passível de cura, dependendo do grau de endemicidade do meio. Ressalta-se que doença ainda não possui um teste padrão ouro para o diagnóstico, em virtude da incapacidade de se reproduzir o *M. leprae* em meios de cultura *in vitro*, e assim, o diagnóstico ainda é clínico (ABREU, 2018; NETA *et al.*, 2016; SILVESTRE; LIMA, 2016).

No Sistema Único de Saúde (SUS), a Atenção Primária à Saúde (APS) é a responsável pelo acompanhamento de pacientes portadores de hanseníase, ou seja, trata-se de uma estratégia que assegura o diagnóstico e o correto seguimento do tratamento e reabilitação. De tal modo, o enfermeiro na APS assiste ao paciente hanseniano, através de uma assistência individualizada, sistematizada e humanizada, possibilitando melhor interação com o cliente, maior adesão ao tratamento, promoção do autocuidado e a redução das incapacidades físicas (RODRIGUES *et al.*, 2015).

De acordo com Brasil (1986), a Lei Nº 7.498/86¹, de 25 de junho de 1986, que dispõe sobre a regulamentação do exercício da Enfermagem, preconiza que entre todas as atividades que podem ser exercidas pelo enfermeiro, em caráter privativo está a consulta de enfermagem (CE).

Para Borges *et al.* (2017) a CE permite a construção de um plano de assistência capaz de fazer, orientar, ajudar e supervisionar ações eficazes e de qualidade. Na CE se obtém a confiança e o compromisso com o usuário, inserindo-o em todas as fases do processo de cuidado, diminuindo a probabilidade de abandono. Diante destes apontamentos, o estudo propôs uma melhor compreensão acerca da Assistência de Enfermagem ao hanseniano, junto à APS (AYRES; SIMONETTI; DUARTE, 2009).

Isto, posto, considerando a complexidade do que trata a hanseníase enquanto problema de saúde pública, não só em razão dificuldades de identificação e diagnóstico precoce, o acolhimento humanizado por profissionais junto à Unidade Básica de Saúde (UBS), o acompanhamento do tratamento do paciente, os cuidados para a prevenção das sequelas e reabilitação; trabalhou-se essa temática, com ênfase na assistência de

1 Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7498.htm. Acesso em: 02 maio 2023.

enfermagem ao paciente hanseniano, na APS. Nestes aspectos, tendo em vista as práticas de enfermagem e os aspectos que envolvem o cuidado de paciente vivendo com hanseníase, frente a uma inquietação foi elencada a seguinte questão norteadora: Quais estratégias podem ser desenvolvidas pelo enfermeiro na assistência à saúde do paciente hanseniano, junto à APS?

A partir deste questionamento, estudo teve como objetivo compreender a assistência de enfermagem utilizada no atendimento de portadores de hanseníase, no âmbito da APS. E, para isso, se fez necessário descrever a “hanseníase”; abordar a importância da assistência da enfermagem frente aos estigmas e possíveis traumas recorrentes da doença; identificar as práticas desenvolvidas pelo enfermeiro no cuidado do paciente hanseniano, na APS.

Observou-se que a hanseníase é uma doença de grande incidência quando não é feito o tratamento adequado ou a sua interrupção, tornando-a um sério problema de saúde pública. Dada a importância do estudo, o interesse pelo tema surgiu com as vivências nos estágios supervisionados, com o acompanhamento de pacientes com hanseníase, e em melhor entender o papel do enfermeiro na promoção de saúde pública e na prevenção da doença. Sabe-se, que é crescente número de contatos de hansenianos que não buscam auxílio médico para realização de exames, diagnóstico ou tratamento, contribuindo negativamente para o diagnóstico precoce da doença, aspectos que justificaram a realização do estudo.

Ademais, considerando a necessidade de identificar na literatura científica as estratégias que podem melhorar o atendimento e a precocidade do diagnóstico da hanseníase, colaborando com o rompimento do ciclo de transmissão da doença, o presente estudo buscou conhecer o papel do enfermeiro na promoção de saúde e prevenção da Hanseníase. De sobremaneira, analisar os artigos selecionados para a pesquisa serviu para uma melhor valorização dos conhecimentos adquiridos na vivência acadêmica, assim como daqueles obtidos durante a fase de pesquisa literária, demonstrando a sua relevância.

O aporte metodológico do estudo teve cunho científico. Assim, de natureza exploratória, qualitativa-descritiva, optando-se pela pesquisa bibliográfica - um método de pesquisa que possibilita a síntese do conhecimento de um determinado assunto, indicando lacunas que devem ser preenchidas com novas pesquisas, permitindo uma conclusão geral a respeito da área em estudo (SELL *et al.*, 2015). Os artigos foram selecionados nas bases de dados Google Acadêmico e *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO).

Como critérios inclusão considerou-se as obras publicadas no período de 2015 a 2023, escritas no idioma português e inglês, impresso ou *on line*, na íntegra e relacionadas à proposta temática. Como critério de exclusão foram dispensadas todas as obras publicadas anteriormente ao ano de 2015 (com exceção de leis, similares e conteúdos essenciais à fundamentação teórica); artigos escritos em outros idiomas, senão os citados nos critérios de inclusão; não disponíveis na íntegra e, sobretudo, não relacionadas ao tema. Para a organização dos achados literários, optou-se pela construção de um infográfico que

especificou o quantitativo de artigos selecionados e, como demonstrativo das informações referentes aos artigos escolhidos para a revisão integrativa, adotou-se um quadro.

DESENVOLVIMENTO

A hanseníase

A historiografia da hanseníase aponta que as pessoas acometidas por essa doença, sofreram com o preconceito, estigma e o isolamento social. Aos longos dos anos, devido o desconhecimento do agente etiológico causador da doença, dos sinais, dos sintomas e do modo de transmissão, dificultou-se a identificação e o tratamento da patologia. No século I a.C. o nome mais comum para definir a atual hanseníase era *elephantiasis*. Na tradução da bíblia hebraica para o grego (*Septuaginta* ou LXX), a *elephantiasis* não equivalia ao *tsara'ath* ou lepra. Porém, na época da Vulgata, ocorreu a equivalência dos dois últimos termos e o *tsara'ath*, que significava impureza e desonra, além de abranger doenças de pele como psoríase, vitiligo, impetigo e pênfigos, foi associado à palavra lepra (TAVARES; MARQUES; LANA, 2015).

Já na Idade Média, o que se tem de informação foi que na época ocorreu uma total exclusão social do doente hanseniano, quando não, o seu extermínio, assim:

No Brasil, doença de Hansen (a hanseníase) surgiu com a colonização do país, e esteve associada à marginalização social dos doentes. Nesta época, a política de isolamento compulsório foi uma prática adotada por muitos dos países endêmicos. Assim, além do isolamento do doente, abrangia a remoção de seus filhos, o exame médico de todas as pessoas com quem convivia e o encorajamento de estudo e pesquisa. Diante desta situação, a prática de isolamento compulsório no Brasil foi dividida em cinco períodos principais: o primeiro (1900 - 1920) foi quando surgiram as primeiras políticas voltadas à profilaxia da doença; o segundo (1921-1930) esteve associado à fundação do Departamento Nacional de Saúde Pública; o terceiro (1931-1945) com Getúlio Vargas à frente do país, implementou-se o isolamento compulsório com a criação de grandes asilos-colônias, ocasião em que o tratamento sulfona começa a ser utilizado no Brasil (em 1944); o quarto (1946-1967) em que depois de muitas críticas às medidas isolacionistas, em 1962 se encerram os isolamentos compulsórios no Brasil (exceto em São Paulo); e o quinto (de 1967 em diante) quando o então isolamento compulsório é substituído por tratamento ambulatorial, nos Centros de Saúde ou em Hospitais. A partir de 1986, com a descoberta do tratamento por poliquimioterapia (PQT) através dos fármacos sulfona/dapsona, rifampicina e clofazimina, a Organização Mundial de Saúde (OMS) padronizou esta forma de tratamento, sendo constituído até os dias atuais. Em linhas gerais, no Brasil, o período que compreende os anos de 1944 até 1986 é denominado de período sulfônico, e o período compreendido nos anos de 1986 até os dias atuais é conhecido como período da poliquimioterapia (SANTOS *et al.*, 2015).

A contento, a maneira com que a hanseníase se revelou ao mundo não foi somente através de seus sintomas característicos, ou mesmo, pelas possibilidades de incapacidades físicas, mas, sobretudo, pelo estigma discriminatório e de exclusão social de seus portadores. Logo, em dado momento da história, a hanseníase passou a ser interpretada até mesmo como castigo divino, sendo, portanto, considerada bem mais do que uma doença (PEREIRA; MOURA; VELOSO, 2015).

Diante disto, dentre os principais desafios para a eliminação da doença no Brasil e no Mundo está o fortalecimento da cobertura de exame de contatos, uma vez que os indivíduos que residem ou residiram com o paciente hanseniano por pelo menos cinco anos (contatos intradomiciliares) apresentam maior potencial para o adoecimento (BRASIL, 2016).

A hanseníase possui grande importância por se tratar inicialmente de uma doença infectocontagiosa, crônica e por estar associada a questões condições socioeconômicas precárias. Além disso, outra grande relevância para à saúde é o período de incubação da doença, pois há predileção do bacilo *Mycobacterium leprae* pelas células epiteliais e neurais, o que confere a doença um alto poder incapacitante. Apesar de curável, a hanseníase precisa de tratamento supervisionado, podendo ser de 06 ou 12 meses dependendo da classificação operacional (RIBEIRO; LANA, 2015).

Monteiro *et al.* (2015a, p. 2) explica que “a Organização Mundial da Saúde (OMS) define caso de caso de hanseníase como a pessoa que apresenta sinais clínicos da doença e requeira tratamento específico de hanseníase”.

Não obstante, a suspeita de hanseníase baseia-se na presença de um ou mais sinais ou sintomas, localizados ou não, em membros inferiores e superiores sendo mais evidente nas regiões das mãos e pés, bem como na face, nas orelhas, nas costas, nas nádegas e nas pernas (FARIA, 2015).

Em tempo, a hanseníase como parte integrante das doenças tropicais negligenciadas, ou seja, aquela que transcende os aspectos médico-assistenciais, devido a intensidade em que a mesma se associa ao preconceito e estigma presentes desde a antiguidade no imaginário coletivo, também está associada à pobreza, à péssima qualidade de vida, acometendo principalmente classes sociais mais pobres, marginalizadas ou menos favorecidas financeiramente (LEITE; CALDEIRA, 2015).

Continuando, a forma de transmissão da doença, segundo Ribeiro, Oliveira e Filgueiras (2015, p. 10) “se faz de forma direta, por via respiratória, através do contato com uma pessoa doente, sem tratamento, que elimina o bacilo para o meio exterior infectando outras pessoas suscetíveis”.

A hanseníase pode ser classificada tanto quanto a sua forma clínica (indeterminada, tuberculóide, dimorfa ou virchowiana) quanto a sua terapêutica (paucibacilar ou multibacilar). As formas multibacilares são a dimorfa e a virchowiana, consideradas as mais graves e que

possuem um potencial lesivo maior. (SOUZA; RODRIGUES, 2015, p. 202)

Sobre o período de incubação da hanseníase, o tempo de multiplicação do bacilo é lento, podendo durar de 11 a 16 dias e, o período de incubação pode variar de dois a sete anos. Vale ressaltar que por apresentar uma evolução insidiosa e de grande potencial incapacitante, torna-se de fundamental importância o diagnóstico precoce (PEREIRA; MOURA; VELOSO, 2015).

Diante do registro e classificação do grau de incapacidade da hanseníase estes, por sua vez, dar-se-ão pelo órgão de saúde competente, com vistas à avaliação neurológica e verificação da presença de deformidades ou traumatismos nos olhos, mãos e pés. (BRUNA *et al.* 2015).

Desta forma, pacientes hansenianos são classificados de acordo com número de lesões cutâneas, a carga bacilar e o nível de acometimento dos nervos periféricos, ou seja, denomina-se grau 0 de incapacidade física quando não há o comprometimento neural; grau 1 de incapacidade física, quando há diminuição ou perda de sensibilidade nos olhos, mãos e pés e, grau 2 de incapacidade física, quando há lesões mais graves nos olhos, mãos e pés (RIBEIRO; LANA, 2015).

Nardell (2022) esclarecem que durante o curso da hanseníase, tratada ou não tratada, o sistema imunitário pode produzir manifestações inflamatórias (hanseníase reacional), sendo elas:

De acordo com o Manual MSD², a hanseníase pode apresentar os seguintes sinais e sintomas, conforme as figuras abaixo:

Figura 1. Hanseníase tuberculóide.



Fonte: Manual MSD (2022).

Figura 2. Hanseníase lepromatosa.



Fonte: Manual MSD (2022).

Figura 3. Complicações da hanseníase (mãos).



Fonte: Manual MSD (2022).

Figura 4. Complicações da hanseníase (nariz).



Fonte: Manual MSD (2022).

² Disponível em: <https://www.msmanuals.com/pt-br/profissional/doen%C3%A7as-infecciosas/micobact%C3%A9rias/hansen%C3%ADase>. Acesso em: 02 maio 2023.

A hanseníase é uma doença que possui largo espectro de apresentações clínicas, e seu diagnóstico baseia-se, principalmente, na presença de lesões de pele, perda de sensibilidade e espessamento neural. Avelino e Sarmiento *et al.* (2015, p. 180) afirmam que “as variadas formas clínicas de apresentação são determinadas por diferentes níveis de resposta imune celular ao *M. leprae*”.

Aquino *et al.* (2015) esclarecem que para o diagnóstico da hanseníase além da avaliação clínica, há casos (principalmente quando são casos duvidosos) em que se faz necessário a realização do exame baciloscópico e histopatológico. Ressaltam que as pessoas com sinais e sintomas compatíveis com hanseníase devem buscar atendimento imediato junto as Redes de Atenção à Saúde e, além disto, acreditam que o diagnóstico precoce possa prever possíveis incapacidades e deformidades resultantes da doença quando não tratada ou diagnosticada tardiamente.

Neste mesmo sentido, Pereira, Moura e Veloso (2015) chamam a atenção para o diagnóstico tardio e os principais fatores de influência para sua ocorrência, são eles: a busca tardia de atendimento nos serviços de saúde, a falta de informação sobre sinais e sintomas, a dificuldade do indivíduo em encontrar serviços e o atendimento e/ou profissionais capacitados para detectar a doença. Além de tudo, enfatizam que a hanseníase pode acometer todas as faixas etárias, mas que, no entanto, a redução de casos em menores de quinze anos é prioridade do Programa Nacional de Controle da Hanseníase (PNCH)³ da Secretaria de Vigilância Epidemiológica do Ministério da Saúde, isto, pois, sua ocorrência indica alta endemicidade, carência de informações sobre a doença e falta de ações efetivas de educação em saúde.

Ademais, o risco de que a hanseníase possa evoluir para incapacidades e deformidades físicas, causando a diminuição da capacidade de trabalho, limitação da vida social e problemas psicológicos, é aumentado quando não diagnosticada e devidamente tratada. Por isso, o diagnóstico deve ser feito apenas por profissionais devidamente capacitados, aptos para o acompanhamento de efeitos adversos e na realização de exames complementares (BRUNA *et al.* 2015).

Diante da confirmação diagnóstica, o paciente deve ser encaminhado para dar início ao tratamento com medicamentos específicos na PQT (rifampicina, dapsona e clofazimina), que pode variar conforme o caso (paucibacilar adulto, paucibacilar infantil, multibacilar adulto e multibacilar infantil) e de acordo com a classificação operacional padronizado pelo profissional de saúde (LIMA; AGUILAR, 2015).

Assim, o SUS disponibiliza o tratamento e acompanhamento da doença em UBS e em referências. Através da PQT - uma associação de antimicrobianos, recomendado pela OMS, é possível reduzir a resistência medicamentosa do bacilo, que frequentemente ocorre quando se utiliza apenas um medicamento, o que acaba impossibilitando a cura da

³ Disponível em: https://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/programa_nacional_controle_hansenia-se_relatorio_gestao_maior_dezembro_2008.pdf. Acesso em: 02 maio 2023.

doença (BRASIL, 2023).

Assim, a conclusão da PQT no tratamento da hanseníase está relacionada à exclusão do usuário do registro ativo, ou seja, ele deixa de ser sistematicamente monitorado e acompanhado pelos serviços de saúde, muito embora ainda haja a continuidade da atenção em saúde, considerado outro consequente do conceito de alta em hanseníase. Esse acompanhamento se faz necessário devido a possibilidade do agravamento do grau de incapacidade física, desenvolvimento de reações hansênicas e eventuais episódios de recidiva (PINHEIRO *et al.*, 2017).

O controle da hanseníase depende do diagnóstico precoce da doença, seja por meio da detecção ativa (detecção ativa consiste na busca sistemática de doentes, pela equipe da unidade de saúde) ou pela detecção passiva (demanda espontânea e encaminhamento). Outra estratégia de grande importância para a detecção precoce e posteriormente para o controle da hanseníase é a vigilância dos contatos do portador da doença, considerada por muitos, um dos pilares para o controle da hanseníase. Assim, o diagnóstico precoce possibilita a adoção das medidas terapêuticas imediatas e adequadas a cada caso (PEREIRA; MOURA; VELOSO, 2015).

A. A IMPORTÂNCIA DA ASSISTÊNCIA DA ENFERMAGEM FRENTE AOS ESTIGMAS E POSSÍVEIS TRAUMAS RECORRENTES DA DOENÇA

Nesta lógica o profissional de enfermagem é imprescindível aos cuidados prestados às pessoas com hanseníase. É ele quem comumente realiza os cuidados específicos durante o tratamento e contribui para a humanização no atendimento, ouvindo as dificuldades enfrentadas pelo paciente quase sempre quanto relacionadas ao processo de adoecimento, e sobretudo, viabilizando a educação em saúde como meio de controle da doença (ALBANO *et al.*, 2016).

B. PRÁTICAS DESENVOLVIDAS PELO ENFERMEIRO NO CUIDADO DO PACIENTE HANSENIANO, NA REDE PRIMÁRIA DE ATENÇÃO À SAÚDE

As práticas desenvolvidas pelo enfermeiro em razão do paciente hanseniano devem estar direcionadas à adesão ao tratamento, à redução dos riscos de incapacidades, capacitação de grupos e suporte para o enfrentamento das dificuldades associadas à hanseníase. Na APS, através da Estratégia de Saúde da Família⁴ (ESF) tem se mostrado de grande importância nas práticas que envolvem prevenção, diagnóstico precoce, controle e tratamento da hanseníase. Neste contexto, está presente o enfermeiro, um profissional da saúde, que compõe a equipe multidisciplinar e exerce um importante papel nas ações de integralidade e execução do cuidado no Programa Nacional de Controle e Eliminação da

4 Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saps/estrategia-saude-da-familia>. Acesso em: 02 maio 2023.

Hanseníase⁵ (PNCEH), quer seja no atendimento individualizado ou realizando educação em saúde no âmbito coletivo (SILVA *et al.*, 2015).

O enfermeiro da atenção básica é o profissional mais atuante no cuidado integral ao paciente, acompanhando o mesmo às consultas mensais e supervisão dos medicamentos, contribuindo para o retorno do paciente estigmatizado à sociedade através da reabilitação física e social. Além disso, a consulta de enfermagem permite a elaboração de um plano de assistência em que o fazer, orientar, ajudar e supervisionar são ações que permitem uma assistência eficaz e de qualidade. (BORGES *et al.*, 2017, p. 18)

Ao longo do processo evolutivo da doença, a APS atuará no reconhecimento das necessidades de tratamento da hanseníase, de prevenção de incapacidades, na abordagem de suas complicações (por vezes por equipe multiprofissional) e, coordenando seu cuidado, em especial naquele paciente que demanda cuidado hospitalar por crises e reativações, ou acesso a um ou mais especialistas, utilizando as informações destes vários serviços para construir o melhor plano terapêutico para a pessoa. Logo, a APS frequentemente representando o primeiro contato da pessoa com manchas na pele com o sistema de saúde, pode ser considerado como o nível de cuidados primordial para a realização de práticas educativas, com o objetivo de alcançar as pessoas que podem estar desenvolvendo hanseníase (SAVASSI; MODENA, 2015).

Dentre tantas práticas assistenciais de saúde, na prática de abordagem do profissional de saúde ao portador de hanseníase é necessário assegurar ao usuário conhecimento indispensável sobre a hanseníase, além disto, esclarecer sobre os aspectos socioambientais e culturais que a envolvem a doença, com vistas ao desenvolvimento do autocuidado e das mudanças de atitudes fundamentais para a prevenção de incapacidades (PEREIRA; MOURA; VELOSO, 2015).

Outra prática, tida por muitos como a mais importante delas, é a prática de Consulta de Enfermagem (CE). A partir dela é possível a construção do plano de cuidados, considerando o grau de comprometimento do paciente e a escuta ativa, em que é possível identificar, entre outros, os problemas físicos, psicológicos, sociais, familiares, de convívio do paciente, e ainda, promover um vínculo de confiança de modo que este facilite a aceitabilidade do tratamento e perdure além dele. Neste sentido, figura o Plano de Cuidados, caracterizado por ser o principal instrumento de avaliação a ser utilizado pelo enfermeiro para o reconhecimento dos reais e potenciais necessidades de saúde dos pacientes (AYRES; SIMONETTI; DUARTE, 2009).

A elaboração do plano de cuidados pelo enfermeiro deve, sobretudo, integrar o reconhecimento da subjetividade dos indivíduos, diante do contexto histórico de segregação e estigma em volta da hanseníase, e não somente uma questão de reconhecimento do corpo biológico (PINHEIRO *et al.*, 2017).

5 Disponível em: https://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/programa_nacional_controle_hansenia-se_relatorio_gestao_maior_dezembro_2008.pdf. Acesso em: 02 maio 2023.

Neste mesmo pensamento, a prática de vigilância em saúde, como estratégia de enfrentamento da doença, deve partir de ações de saúde adequadas, que garantam não só a detecção e o tratamento da enfermidade, mas também a educação em saúde. Logo, essa prática propicia a aquisição de informações; educação e aperfeiçoamento de atitudes e valores de modo participativo, criativo e interativo; fornece a autonomia e a emancipação do indivíduo em relação ao curso de sua saúde; incentiva à demanda espontânea de doentes e ao contato com os serviços de saúde mediante a suspeição da doença; contribui para a eliminação de falsos conceitos atribuídos a ela; esclarece quanto aos seus sinais e sintomas e, além de tudo, quanto à importância do tratamento oportuno (FREITAS *et al.*, 2019).

Uma outra prática que constitui uma importante ferramenta de construção e veiculação de conhecimentos e práticas relacionados ao processo saúde/doença, é a educação em saúde. Em tempo, o próprio Ministério da Saúde já a preconiza como medida para a efetividade das ações de prevenção da hanseníase. Logo, a atuação da enfermagem na educação em saúde pode contribuir para a agregação de saberes por pacientes, familiares e mesmo a comunidade, além da participação consciente e constante do usuário nos programas relacionados à hanseníase (FARIA *et al.*, 2015).

Em se tratando da hanseníase, as práticas de cuidado para consigo (autocuidado) faz parte da abordagem de manutenção do tratamento. Diante do paradigma constituído pelo problema físico que a doença causa e o conflito diário que é cuidar-se e relacionar-se com as diversas ações de cuidar de si mesmo, surge a a Estratégia Saúde da Família com um importante papel na promoção, prevenção e controle deste agravo. (CARVALHO *et al.*, 2019)

A EPA contribui para a melhoria da qualidade da assistência, o aumento da cobertura em saúde e a diminuição dos custos de saúde, colabora para a melhoria da atenção à saúde de populações de maior vulnerabilidade, contribui para a qualificação das práticas assistenciais de prevenção do adoecimento, promoção e reabilitação da saúde em diversos pontos da rede de atenção (MIRANDA NETO *et al.*, 2018).

RESULTADOS

Infográfico 1. Artigos selecionados para a pesquisa bibliográfica.

| | | | | | |
|-----------------------|-------------------------|---|---|--------------------------------------|-----------|
| BASES DE DADOS | Scielo | nº de artigos após critério de inclusão e exclusão | nº de artigos selecionados após a leitura de títulos resumos e descritores. | Total de artigos selecionados | |
| | | 06 | 05 | | |
| | Google acadêmico | nº de artigos após critério de inclusão e exclusão | nº de artigos selecionados após leitura na íntegra. | | 03 |
| | | | 20 | | 14 |
| | | nº de artigos selecionados após leitura na íntegra. | 11 | 14 | |

Fonte: Adaptado pelo autor.

E, como demonstrativo das informações referentes aos artigos escolhidos para a revisão integrativa, adotou-se a construção do quadro, a seguir:

Quadro 1. Caracterização dos artigos conforme referência e objetivo selecionados na revisão integrativa.

| Base de dados | Autor/ano de publicação | Título da obra | Periódico | Objetivo |
|----------------------|---|---|---|--|
| Google Acadêmico | DE DEUS, Gabriela Araújo Xavier (2018) | Assistência de enfermagem na atenção básica em hanseníase e tuberculose | Trabalho de Conclusão de Curso | Avaliar a assistência de enfermagem na Atenção Básica em Hanseníase e Tuberculose |
| Google Acadêmico | CHIU, Karina Sayuri Sugano <i>et al.</i> (2018) | Assistência de enfermagem frente aos impactos biopsicossociais de uma pessoa com hanseníase virchowiana | 13º Congresso Internacional da Rede Unida | Realizar assistência integral, aplicando a Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE) a uma paciente com hanseníase virchowiana |
| Google Acadêmico | MARTINS, Thamyres Silva <i>et al.</i> (2018) | Assistência de enfermagem a hanseníase paucibalar | 13º Congresso Internacional da Rede Unida | Permitir que através dos diagnósticos e cuidados de enfermagem complementar a o tratamento medicamentoso do paciente com simples mudanças na rotina corriqueira do paciente suprimindo assim as incapacidades geradas pela patologia |
| Google Acadêmico | ALMEIDA, Lays Florêncio (2019) | Assistência de enfermagem no tratamento de feridas em pacientes com hanseníase: revisão integrativa. | Monografia | Buscar evidências na literatura no que se refere aos procedimentos utilizados na assistência de enfermagem para o tratamento de feridas decorrentes da hanseníase |
| Scielo | LIMA, Marize Conceição Ventin <i>et al.</i> (2018) | Práticas de autocuidado em hanseníase: face, mãos e pés. | Gaúcha de Enfermagem | Analisar as práticas de autocuidado em face, mãos e pés realizadas por pessoas atingidas pela hanseníase |

| | | | | |
|------------------|---|---|--------------------------------------|---|
| Google Acadêmico | MENDES, Rute Nascimento Pimentel <i>et al.</i> (2020) | Assistência do enfermeiro frente ao paciente com hanseníase: revisão narrativa | Revista Eletrônica Acervo Enfermagem | Discutir a hanseníase, suas manifestações e seus tipos a partir da gravidade a qual se encontra, como objetivo de avaliar o nível de conhecimento da população quanto à hanseníase, os seus estágios e suas formas de manifestações, buscando compreender os sentimentos e o grau de conhecimento e cuidados do paciente e dos familiares em relação à doença, no período de 2008 a 2019 |
| Google Acadêmico | MASCARENHAS, José Marcos Fernandes <i>et al.</i> (2021) | A importância das ações realizadas pelo enfermeiro no controle da hanseníase: revisão integrativa | Revista de Casos e Consultoria | Compreender a importância das ações realizadas pelo enfermeiro no controle da hanseníase |
| Google Acadêmico | RAMOS, Jennifer dos S.; COSTA, Lidiene Ricardo B.; SANTOS, Walquiria Lene dos. (2019) | Dificuldades da enfermagem no manejo da hanseníase na atenção primária | Revista JRG de Estudos Acadêmicos | Demonstrar as dificuldades da enfermagem no Manejo da Hanseníase na Atenção Primária |
| Google Acadêmico | SANTOS, Sara J. dos <i>et al.</i> (2022) | Assistência da enfermagem no protocolo de diagnóstico da hanseníase na atenção básica | Revista Científica online | Discutir a importância da assistência em enfermagem no protocolo de diagnóstico da hanseníase na atenção básica, visando também os cuidados e monitoramento do tratamento, realizados pela equipe de enfermagem juntamente com a equipe multiprofissional, bem como, explorar a trajetória da hanseníase no Brasil, ligada às questões históricas e culturais e as diferentes formas clínicas e seus devidos cuidados |

| | | | | |
|------------------|--|--|---|---|
| Google Acadêmico | SANTOS, Allan Bruno Alves de Sousa <i>et al.</i> (2021) | Assistência domiciliar de enfermagem ao portador de hanseníase: incentivo ao autocuidado | Investigação, Sociedade e Desenvolvimento | Identificar na literatura as principais ações desenvolvidas pela equipe de enfermagem no domicílio, para oferecer qualidade de vida e melhorar o prognóstico das pessoas com hanseníase, apontando a importância da prática do autocuidado |
| Google Acadêmico | MARINHO, Joselane Izaquiel <i>et al.</i> (2022) | Assistência de enfermagem à pessoa idosa com hanseníase na atenção básica | Revista Multidisciplinar em Saúde | Verificar a assistência de enfermagem à pessoa idosa com hanseníase na atenção básica |
| Google Acadêmico | OLIVEIRA, Fernanda Alves de <i>et al.</i> (2021) | O Enfermeiro da Atenção Primária no acompanhamento e tratamento da Hanseníase | Revista Amazônia | Identificar a atuação do Enfermeiro da Atenção Primária à Saúde no acompanhamento e tratamento de pacientes com Hanseníase |
| Scielo | RODRIGUES, Francisco Feitosa <i>et al.</i> (2015) | Conhecimento e prática dos enfermeiros sobre hanseníase: ações de controle e eliminação | Rev Bras Enferm | Avaliar o conhecimento e a prática de enfermeiros da atenção primária de saúde quanto às ações de controle e eliminação da hanseníase |
| Scielo | BARCELOS, Raissa Maria Ferraz Moreira <i>et al.</i> (2021) | Qualidade de vida de pacientes com hanseníase: uma revisão de escopo | Rev Esc Enferm USP | Explorar as evidências científicas relativas à qualidade de vida de pacientes com hanseníase |
| | SANTOS, Anderson Lineu Siqueira dos <i>et al.</i> (2018) | Percepções de portadores de hanseníase sobre as reações hanseníase e o cuidado de si | Rev Pan-Amaz Saude | Conhecer as percepções do portador de reações hanseníase sobre essas manifestações, analisar as práticas de cuidados de si adotadas pelos portadores das reações hanseníase e discutir a relação entre tais percepções e o cuidado de si como um indicador para o cuidado |

Fonte: Adaptado pelo autor.

DISCUSSÃO

Com os achados literários elencados na pesquisa bibliográfica realizada, Martins *et al.* (2018) caracterizam o Mal de Hansen ou hanseníase como uma doença infecciosa causada pela bactéria *Mycobacterium leprae*, ou bacilo de Hansen, que tende a afetar os nervos periféricos e diminuindo a sensibilidade da pele (parestesia). No âmbito do sistema de saúde brasileiro, em particular na ABS são criados instrumentos que possibilitam uma melhor qualidade de vida e saúde a população, sendo que o enfermeiro exerce um papel fundamental nas estratégias empregadas, sendo na busca por diagnóstico dos casos e tratamentos; busca pela prevenção; ou na administração no controle de doenças (DE DEUS, 2018).

Chiu *et al.* (2018) concordam que a implementação da Assistência de Enfermagem demonstra-se eficaz, pois são realizadas ações planejadas e executadas, segundo os princípios científicos e éticos; sobretudo voltadas para o diagnóstico precoce da doença, prevenção de complicações, deformidades e/ou incapacidades. Martins *et al.* (2018) complementam que a sistematização de enfermagem, é uma ação privativa do enfermeiro que consiste em assessorar o ser humano na sua integridade, através de ações específicas para promoção, prevenção, recuperação e reabilitação da saúde do paciente, família e comunidade. No caso do mal de Hansen, essa assistência possibilita reconhecer o problema, intervir e aconselhar o paciente, de forma a prestar uma assistência eficaz e melhorada.

Quanto aos estigmas e traumas recorrentes da doença é fundamental o desenvolvimento de estratégias que minimizem, ou mesmo eliminem, o estigma e o preconceito da doença na sociedade, assegurando a qualidade de vida da paciente e tornando-a protagonista das medidas de autocuidado (CHIU *et al.*, 2018). Isto, pois, de acordo com Santos *et al.* (2018) as reações hansênicas geralmente causam modificações físicas, alterando a aparência de todo o corpo, dolorosas e que limitam as atividades cotidianas, além de provocar uma ruptura com os laços sociais. Dessa forma, o cuidado da enfermagem deve aliar o alívio ao sofrimento humano, mantendo a dignidade do doente e facilitar os meios para manejar as crises e as experiências do viver e do morrer (MARTINS *et al.*, 2018).

Contudo, nota-se que muitos são os desafios da enfermagem no enfrentamento da hanseníase. Desta feita, Mendes *et al.* (2020) destacam um *déficit* no diálogo e nas informações de alguns profissionais para com pacientes e familiares em relação aos sentimentos, anseios e receios sobre as formas e os sinais da doença; e o pouco conhecimento da população sobre a hanseníase (formas de manifestações, contágio, tratamento e cura). Para Ramos, Costa e Santos (2019) o poder aquisitivo mais baixo torna precário o diagnóstico precoce, além disso que o pouco conhecimento sobre a doença impacta diretamente no diagnóstico e no tratamento, mantendo – se insuficiente, devido a sua não adesão. Neste sentido, Santos *et al.* (2021) também reafirmam que o despreparo da equipe de saúde e a falta de informação por parte do portador de hanseníase, e a falta de adesão ao sistema de PQT são apontados como fatores de risco desencadeadores de complicações.

Oliveira *et al.* (2021) chamam a atenção para o fato de que na atuação do enfermeiro no acompanhamento e tratamento dos pacientes hansênicos, ainda à prevalência do método Biomédico no comportamento dos profissionais, onde a assistência do enfermeiro tem sido ofertada de forma mecanizada, não atentando-se às orientações ao cliente, e prejudicando o cumprimento de dosagens estabelecidas na terapia farmacológica correspondente a forma clínica apresentada por cada cliente. Além disso, outros entraves também foram observados na assistência ao hansênico: manter os doentes em tratamento, sobrecarga de trabalho, falta de interdisciplinaridade e tratamento realizado em outros locais fora da comunidade (RODRIGO *et al.*, 2015), atraso no diagnóstico da doença, reações hansênicas, incapacidades físicas, dor neuropática, o estigma (BARCELOS *et al.*, 2021), manutenção do tratamento dessas doenças, em especial, a luta contra o abandono (DE DEUS, 2018). Assim sendo, as ações realizadas pelos enfermeiros no controle da hanseníase são fundamentais para a identificar precocemente a doença, o acompanhamento, a assistência integral da saúde e a quebra do estigma social presente na sociedade (MASCARENHAS *et al.*, 2021).

Outrossim, ante ao exposto, Martins *et al.* (2018) referem-se que o cuidado para o mal de Hansen deve envolver as seguintes práticas de enfermagem: consulta de enfermagem; exame físico; teste de sensibilidade, pedido de exames laboratoriais, notificação da doença, dose supervisionada, entrega da medicação para ser tomada em domicílio, agendamento de próxima consulta, e a visita domiciliar afim de se identificar os aspectos socioeconômicos, qualidade de moradia, possíveis riscos físicos, alimentação, e avaliação de perspectiva de cura do paciente. É importante destacar que na farmacoterapia de feridas decorrentes da hanseníase (ALMEIDA *et al.*, 2019) são empregados agentes tópicos, laserterapia e cultura de pele, como o uso de queratinócitos autólogos.

Nestes aspectos, é necessário a capacitação de profissionais que atuem no empoderamento destes pacientes, orientando sobre a prevenção de incapacidades, e o acesso à insumos para realizar o autocuidado (LIMA *et al.*, 2018). Além disso, é imprescindível desenvolver e implementar estratégias para detectar precocemente a doença e a adesão ao tratamento por parte do usuário (MASCARENHAS *et al.*, 2021) contribuindo para o controle epidemiológico da doença (SANTOS *et al.*, 2022). Mendes *et al.* (2020) citam ainda a importância de conscientizar a comunidade através de ações, palestras, busca ativa, e realizar os devidos encaminhamentos, o que de acordo com Marinho *et al.* (2022) define a assistência de enfermagem na APS como ferramenta imprescindível para a evolução, tratamento e acompanhamento integral da pessoa portadora de hanseníase.

CONCLUSÃO

A realização da pesquisa mostrou o quão tem se mostrado complexa a assistência à saúde ao paciente portador da hanseníase. Sendo uma doença infectocontagiosa, e sobretudo considerando os fatores de riscos predisponentes (intrínsecos e extrínsecos) para essa patologia, a hanseníase se mostra como um sério problema de saúde pública.

Apesar das políticas públicas existentes, e os vários programas de atendimento/assistência a esse público-alvo, o enfermeiro da APS ainda tem muitos desafios a serem superados. O estudo mostrou que este profissional atua de forma ética e responsável em prol da saúde dos pacientes, revelando a sua importância e contribuição na melhoria de qualidade de vida dos hanseníacos. Isto, posto, o estudo atendeu aos objetivos propostos, respondeu à questão norteadora da pesquisa, mas, no entanto, o autor da escrita sugere a realização de outros estudos que possam elencar outras informações não contempladas neste estudo.

REFERÊNCIAS

ABREU, Luiz Cláudio Santos. Cuidados De Enfermagem No Tratamento Da Hanseníase. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 03, Ed. 11, Vol. 06, pp. 49-70 novembro de 2018. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/saude/tratamento-da-hanseniose>. Acesso em: 02 maio 2023.

ALBANO, Milena Leite *et al.* A consulta de enfermagem no contexto de cuidado do paciente com hanseníase. **Hansen Int**, 2016; 41(1-2): 25-33. Disponível em: <https://periodicos.saude.sp.gov.br/index.php/hansenologia/article/view/34978/33474>. Acesso em: 02 maio 2023.

ALMEIDA, Lays Florêncio. **Assistência de enfermagem no tratamento de feridas em pacientes com hanseníase**: revisão integrativa. Orientador: Prof. (a) Ma. Juliana Maria Barbosa Bertho de Oliveira. 2019. 35 f. Monografia (Bacharel em Enfermagem,) - Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Palmas, Palmas, 2019. Disponível em: <http://umbu.uft.edu.br/bitstream/11612/1584/1/Lays%20Flor%c3%aancia%20Almeida%20-%20TCC%20Monografia%20-%20Enfermagem.pdf>. Acesso em: 3 maio 2023.

AQUINO, Camilla Maria Ferreira de. *et al.* Peregrinação (*Via Crucis*) até o diagnóstico da hanseníase. **Rev enferm UERJ**, Rio de Janeiro, 2015 mar/abr; 23(2):185-90. DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/reuerj.2015.12581>.

AVELINO E SARMENTO, Ana Paula *et al.* Perfil epidemiológico da hanseníase no período de 2009 a 2013 no município de Montes Claros (MG). **Rev Soc Bras Clin Med**. 2015 jul-set;13(3):180-4. Disponível em: <http://files.bvs.br/upload/S/1679-1010/2015/v13n3/a5389.pdf>. Acesso em: 02 maio 2023.

AYRES, Jairo Aparecido; SIMONETTI, Janete Pessuto; DUARTE, Marli Teresinha Casamassimo. Consulta de enfermagem: estratégia de cuidado ao portador de hanseníase em atenção primária. **Texto&Contexto - Enferm**. v. 18, n. 1, p.100-107, 2009. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072009000100012>. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/41025124_Consulta_de_enfermagem_estrategia_de_cuidado_ao_portador_de_hanseniose_em_atencao_primaria. Acesso em: 03 maio 2023.

BARCELOS, Raissa Maria Ferraz Moreira *et al.* Qualidade de vida de pacientes com hanseníase: uma revisão de escopo. **Rev Esc Enferm USP**, [s. l.], v. 55, p. 1-12, 2021. DOI

<https://doi.org/10.1590/1980-220X-REEUSP-2020-0357>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/re USP/a/Y9DzW9ySfzKknDSQ86hNxyF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 3 maio 2023.

BRASIL. **Lei nº No 7.498, de 25 de junho de 1986**. Dispõe sobre a regulamentação do exercício da enfermagem, e dá outras providências. Brasília, 25 jun. 1986. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7498.htm. Acesso em: 2 maio 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Diretrizes para vigilância, atenção e eliminação da hanseníase como problema de saúde pública: Manual técnico-operacional. **Secretaria de Vigilância em Saúde**: Departamento de Vigilância das Doenças Transmissíveis, Brasília, 2016. Disponível em: http://portal.saude.pe.gov.br/sites/portal.saude.pe.gov.br/files/diretrizes_para_.eliminacao_hanseniasse_-_manual_-_3fev16_isbn_nucom_final_2.pdf. Acesso em: 2 maio 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Hanseníase: o que é, causas, sinais e sintomas, tratamento, diagnóstico e prevenção**. Brasília, 2023. Disponível em: <https://saude.gov.br/saude-de-a-z/hanseniasse>. Acesso em: 02 maio 2023.

BORGES, Wallesca de Medeiros *et al.* O papel do enfermeiro no tratamento básico da hanseníase: uma revisão integrativa. **Revista Saúde**, V. 11, n.1 (ESP), 2017. Disponível em: <http://revistas.ung.br/index.php/saude/article/view/3092/2241>. Acesso em: 02 maio 2023.

BRUNA, Arisson Tyson Machado *et al.* Incapacidades físicas nos pacientes com hanseníase cadastrados em uma unidade de saúde de São Luís – MA. **R. Interd.** v. 8, n. 1, p. 115-122, jan. fev. mar. 2015. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/Incapacidades-f%C3%ADsicas-nos-pacientes-com-hansen%C3%ADase-Buna-Rocha/58c3475c-fdb9331079fcbe0a7e8b6a995a9702b4>. Acesso em: 02 maio 2023.

CARVALHO, Paula Soares *et al.* Autocuidado em hanseníase: comportamento de usuários atendidos na rede de atenção primária à saúde. **Enfermagem Brasil** 2019;18(3):398-405. DOI: <https://doi.org/10.33233/eb.v18i3.2508>. Disponível em: <https://convergenceseditorial.com.br/index.php/enfermagembrasil/article/view/2508>. Acesso em: 3 maio 2023.

CHIU, Karina Sayuri Sugano *et al.* 13º CONGRESSO INTERNACIONAL DA REDE UNIDA, Manaus. **Anais**. Assistência de enfermagem frente aos impactos biopsicossociais de uma pessoa com hanseníase virchowiana. Manaus: Associação Brasileira Rede Unida, 2018. v. 4 Supl1. Disponível em: <http://conferencia2018.redeunida.org.br/ocs2/index.php/13CRU/13CRU/paper/view/1864>. Acesso em: 3 maio 2023.

DE DEUS, Gabriela Araújo Xavier. **Assistência de enfermagem na atenção básica em hanseníase e tuberculose**. Orientador: Prof. Dr.: Elias José Oliveira. Coorientador: Prof.ª Ana Luiza Rodrigues Inácio. 2018. 38 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel e Licenciado em Enfermagem) - Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/23405/1/>

AssistenciaEnfermagemAtencao.pdf. Acesso em: 3 maio 2023.

FARIA, Claudia Regina Sgobbi de. *et al.* Grau de incapacidade física de portadores de hanseníase: estudo de coorte retrospectivo. **Arq. Ciênc. Saúde**. 2015 out-dez; 22(4) 58-62. Disponível em: https://ahs.famerp.br/racs_ol/Vol-22-4/Grau%20de%20incapacidade%20f%C3%ADsica%20de%20portadores%20de%20hansen%C3%ADase%20estudo%20de%20coorte%20retrospectivo.pdf. Acesso em: 02 maio 2023.

FREITAS, Bruna Hinnah Borges Martins de. *et al.* Práticas educativas sobre hanseníase com adolescentes: revisão integrativa da literatura. **Rev Bras Enferm.** 2019;72(5):1397-404. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0458>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/48wvrkPD99XKKMpr3knq9L/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 03 maio 2023.

LEITE, Soraia Cristina Coelho; CALDEIRA, Antônio Prates. Oficinas terapêuticas para a reabilitação psíquica de pacientes institucionalizados em decorrência da hanseníase. **Ciência & Saúde Coletiva**, 20(6):1835-1842, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/630/63038653019.pdf>. Acesso em: 02 maio 2023.

LIMA, Marize Conceição Ventin *et al.* Práticas de autocuidado em hanseníase: face, mãos e pés. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, [s. l.], v. 39, 2018. DOI <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2018.20180045>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rngenf/a/HJj3MGRvvL4sfTC-8CpxGDvJ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 3 maio 2023.

LIMA, Mônia Maia; AGUILAR, Antônio Marcos Moreira. Perfil epidemiológico da hanseníase em um município de Minas Gerais: Uma análise retrospectiva. **Rev. Pre. Infect e Saúde**. 2015;1(3):1-9. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/nupcis/article/view/4218/2574>. Acesso em: 02 maio 2023.

MARINHO, Joselane Izaquiel *et al.* ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM À PESSOA IDOSA COM HANSENÍASE NA ATENÇÃO BÁSICA. **Revista Multidisciplinar em Saúde**, [S. l.], v. 2, n. 4, p. 311, 2022. DOI: 10.51161/rem/3118. Disponível em: <https://editoraime.com.br/revistas/index.php/rem/article/view/3118>. Acesso em: 3 maio. 2023.

MARTINS, Thamyres Silva *et al.* 13º CONGRESSO INTERNACIONAL DA REDE UNIDA, Manaus. **Anais**. Assistência de enfermagem a hanseníase paucibalar. Manaus: Associação Brasileira Rede Unida, 2018. v. 4 Supl1. Disponível em: <http://conferencia2018.redeunida.org.br/ocs2/index.php/13CRU/13CRU/paper/view/3336>. Acesso em: 03 maio 2023.

MASCARENHAS, José Marcos Fernandes *et al.* A importância das ações realizadas pelo enfermeiro no controle da hanseníase: revisão integrativa. **Revista de Casos e Consultoria**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. e25619, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/casoseconsultoria/article/view/25619>. Acesso em: 3 maio. 2023.

MENDES, Rute Nascimento Pimentel *et al.* Assistência do enfermeiro frente ao paciente

com hanseníase: revisão narrativa. **Revista Eletrônica Acervo Enfermagem** [s. l.], v. 4, p. 1-7, 25 set. 2020. DOI <https://doi.org/10.25248/reaenf.e3787.2020>. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/enfermagem/article/view/3787>. Acesso em: 3 maio 2023.

MIRANDA NETO, Manoel Vieira de *et al.* Prática avançada em enfermagem: uma possibilidade para a Atenção Primária em Saúde?. **Rev Bras Enferm**, São Paulo, v. 71, n. Supl 1, p. 764-9, 2018. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0672>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/G7DdtWrzJfLnjFMXF7DT93L/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 3 maio 2023.

MONTEIRO, Lorena Dias *et al.* Padrões espaciais da hanseníase em um estado hiperendêmico no Norte do Brasil, 2001-2012. **Rev Saúde Pública** 2015a; 49:84. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/284727323_Padroes_espaciais_da_hansenia-se_em_um_estado_hiperendemico_no_Norte_do_Brasil_2001-2012. Acesso em: 02 maio 2023.

NARDELL, Edward A. Hanseníase: Doença de Hansen; mal de Hansen. **MANUAL MSD: Versão para Profissionais de Saúde**, [s. l.], jul. 2022. Disponível em: <https://www.msd-manuals.com/pt-br/profissional/doen%C3%A7as-infecciosas/micobact%C3%A9rias/hansen%C3%ADase>. Acesso em: 2 maio 2023.

NETA, CGT *et al.* Assistência da enfermagem ao paciente com hanseníase na atenção primária à saúde. **Revista Saúde**, [s. l.], v. 10, ed. 1, 2016. Disponível em: <http://revistas.ung.br/index.php/saude/article/view/2707/2043>. Acesso em: 02 maio 2023.

OLIVEIRA, Fernanda Alves de *et al.* O Enfermeiro da Atenção Primária no acompanhamento e tratamento da Hanseníase. **Revista Amazônia: Science & Health**, [s. l.], v. 9, n. 3, 13 set. 2021. DOI 10.18606/2318-1419/amazonia.sci.health.v9n3p44-57. Disponível em: <http://www.ojs.unirg.edu.br/index.php/2/article/view/3490/1807>. Acesso em: 3 maio 2023.

PEREIRA, Maysson Anderson; MOURA, Lia Matos Anchieta; VELOSO, Laurimary Caminha. Estratégias utilizadas pelos serviços de saúde na detecção precoce da hanseníase: uma revisão integrativa. **Rev. Saúde em foco**, Teresina, v. 2, n. 1, art. 9, p. 130-150, jan./jul. 2015. Disponível em: <http://www4.unifsa.com.br/revista/index.php/saudeemfoco/article/view/524>. Acesso em: 02 maio 2023.

PINHEIRO, Mônica Gisele Costa *et al.* Compreendendo a “alta em hanseníase”: Uma análise de conceito. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, 38(4), e63290, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2017.04.63290>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rgenf/a/Gk-VpMDZXcKhXrrfRrPzXN3v/?lang=pt>. Acesso em: 02 maio 2023.

RAMOS, Jennifer dos S.; COSTA, Lidiene Ricardo B.; SANTOS, Walquiria Lene dos. Dificuldades da enfermagem no manejo da hanseníase na atenção primária. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, Brasil, São Paulo, v. 2, n. 5, p. 125–147, 2019. DOI: 10.5281/zenodo.4320122. Disponível em: <http://revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/129>. Acesso em:

3 maio. 2023.

RIBEIRO, Gabriela de Cássia; LANA, Francisco Carlos Félix. RIBEIRO, G. DE C.; LANA, F.C.F. Incapacidades físicas em hanseníase: caracterização, fatores relacionados e evolução. **Cogitare Enferm**. 2015 Jul/set; 20(3): 496-503. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2016/08/1159/41246-162513-1-pb.pdf>. Acesso em: 02 maio 2023.

RIBEIRO, Mara Dayane Alves; OLIVEIRA, Sabryna Brito; FILGUEIRAS, Marcelo Carvalho. Pós-alta em hanseníase: uma revisão sobre qualidade de vida e conceito de cura. **Saúde (Santa Maria)**, Santa Maria, Vol. 41, n. 1, jan./Jul, p.09-18, 2015. Doi: <https://doi.org/10.5902/223658348692>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revistasaude/article/view/8692>. Acesso em: 02 maio 2023.

RODRIGUES, Francisco Feitosa *et al.* Conhecimento e prática dos enfermeiros sobre hanseníase: ações de controle e eliminação. **Rev Bras Enferm**, [s. l.], v. 68, n. 2, 2015. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167.2015680216i>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/kNwTkk4xYJmDD9YBx7P4L7d/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 3 maio 2023.

SANTOS, Allan Bruno Alves de Sousa *et al.* Assistência domiciliar de enfermagem ao portador de hanseníase: incentivo ao autocuidado. **Investigação, Sociedade e Desenvolvimento**, [S. l.], v. 10, n. 9, pág. e16810918041, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i9.18041. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/18041>. Acesso em: 3 maio. 2023.

SANTOS, Anderson Lineu Siqueira dos *et al.* Percepções de portadores de hanseníase sobre as reações hansênicas e o cuidado de si. **Rev Pan-Amaz Saude**, Ananindeua, v. 9, n. 4, p. 37-46, dez. 2018. Disponível em: http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-62232018000400004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 3 maio 2023. <http://dx.doi.org/10.5123/s2176-62232018000400004>.

SANTOS, Karen da Silva *et al.* Significado da hanseníase para pessoas que viveram o tratamento no período sulfônico e da poliquimioterapia. **Rev. Latino-Am. Enfermagem** jul./ago. 2015;23(4):620-7. DOI: 10.1590/0104-1169.0323.2596. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/bpqGX5XDrrFpmWc8kGdn8gC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 maio 2023.

SANTOS, Sara J. dos. *et al.* Assistência da enfermagem no protocolo de diagnóstico da hanseníase na atenção básica. **Revista Científica online**, [s. l.], v. 14, n. 6, 2022. Disponível em: <http://www.atenas.edu.br/uniatenas/assets/files/magazines/1/ASSIST%C3%80NCIADAENFERMAGEMNOPROTOCOLODEDIAGNOSTICODAHANSENIASENAATEN%C3%83OBASICA.pdf>. Acesso em: 3 maio 2023.

SAVASSI, Leonardo Cançado Monteiro; MODENA, Celina Maria. Hanseníase e a atenção primária: desafios educacionais e assistenciais na perspectiva de médicos residentes. **Hansen Int** 2015; 40 (2):2-16. DOI: <https://doi.org/10.47878/hi.2015.v40.36169>. Disponível em: <https://periodicos.saude.sp.gov.br/hansenologia/article/view/36169>. Acesso em: 02 maio 2023.

SELL, Sandra Elisa *et al.* Motivos e significados atribuídos pelas mulheres que vivenciaram o aborto induzido: revisão integrativa. **Rev. Esc. Enferm. USP**. 2015; 49(3): 502-508. DOI: 10.1590/S0080-623420150000300019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/dT-VFFLW9LHysRbkZFx4ZZbf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 maio 2023.

SILVA, Reinilson Pereira da *et al.* Consulta de enfermagem em atenção primária ao portador de hanseníase: proposta de instrumento. **Arq. Ciênc. Saúde**. 2015 jan.-mar; 22(1) 28-32. Disponível em: https://repositorio-racs.famerp.br/racs_ol/vol-22-1/Consulta%20de%20enfermagem%20em%20aten%C3%A7%C3%A3o%20prim%C3%A1ria%20ao%20portador%20de%20hansen%C3%ADase%20proposta%20de%20instrumento.pdf. Acesso em: 02 maio 2023.

SILVESTRE, Maria do Perpétuo Socorro Amador; LIMA, Luana Nepomuceno Gondim Costa. Hanseníase: considerações sobre o desenvolvimento e contribuição (institucional) de instrumento diagnóstico para vigilância epidemiológica. **Rev. Pan-Amaz Saude**, Ananindeua, v. 7, n. esp, p. 93-98, dez. 2016. DOI <http://dx.doi.org/10.5123/s2176-62232016000500010>. Disponível em http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-62232016000500093&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 02 maio 2023.

SOUZA, Carlos Dornels Freire de; RODRIGUES, Mércia. Magnitude, tendência e espacialização da hanseníase em menores de 15 anos no estado da Bahia, com enfoque em áreas de risco: um estudo ecológico. **Hygeia** 11 (20): 201 - 212, Jun/2015. DOI: <https://doi.org/10.14393/Hygeia1128914>. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/hygeia/article/view/28914>. Acesso em: 02 maio 2023.

TAVARES; Amanda Pereira Nunes; MAQUES, Rita De Cássia; LANA, Francisco Carlos Félix. Ocupação do espaço e sua relação com a progressão da hanseníase no Nordeste de Minas Gerais - século XIX. **Saúde Soc**. São Paulo, v.24, n.2, p.691-702, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902015000200023>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/tYD7jytBkNBjnNpKrKtQfFd/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 02 maio 2023.